

Colônias, fronteiras, redes: os nomes e os espaços da troca

Por Cláudia Lorena Vouto da Fonseca¹

*Os coletivos também cosem, através da
linguagem e de todos os sistemas
simbólicos de que dispõem, uma tela de
sentidos destinada a reuni-los e talvez a
protegê-los dos estilhaços dispersos,
insensatos, do futuro.*
Pierre Lévy

Outros territórios nos fascinam desde sempre e, nessa nostalgia dos descobrimentos, adentramos esses territórios e de lá retornamos com um novo olhar sobre o já visto. Sabemos, também, que incursões de uma área do conhecimento a outras áreas são ações empreendidas pelos investigadores, em geral premidos pela exigência do próprio objeto ao qual se dedicam ou, pela curiosidade científica, interesses que se multiplicam e se pulverizam, estilhaçam, *hiperlinkados*, nesse mundo em que se estão abolindo fronteiras e a interpenetrabilidade das áreas do conhecimento impera. E é inevitável que assim seja. Parte considerável dessas incursões rende bons frutos e, mesmo que não se empreenda uma investigação mais aprofundada, ou que esses saberes não venham a se constituir em base para uma investigação permanente, têm o mérito de nos fazer pensar, estabelecendo relações com aquilo que nos diz mais profundamente, desencadeando a reflexão e uma nova forma de pensar o antigo, sobretudo ao confronta-lo com o novo. Um ajuste do olhar, renovando-o, cremos. Um acréscimo de novos elementos ou miradas. Talvez essas incursões acabem por lançar luz sobre algo que se consolidou de tal forma que não questionamos mais, apenas reproduzimos.

Partindo dos estudos comparados de literatura, do trabalho já desenvolvido, ou sempre em andamento, e da observação somada à inquietude, somamos o contato com os pressupostos fundamentais de uma

¹ Universidade Federal de Pelotas/Rede Diálogos en Mercosur/Programa Focovoces. Contato: fonseca.claudialorena@gmail.com

área relativamente nova de estudos, a Psicopolítica, ou gestão da mente, nos moldes da investigação levada a cabo no PACC/UFRJ, cuja premissa básica seria uma proposta de mudança do nosso modelo mental - fluxos pensamentos, afetos, percepções, “pois como somos cultura, somos o que pensamos, o que afetamos, o que nos afeta, o que percebemos.” (OURIQUES, 2010).

Essa incursão fez com que nos questionássemos, a partir do estranhamento e das relações que acabaram por se estabelecer com temas recorrentes em nossa investigação do fenômeno literário, nesse caso, temas como os antigos e os novos territórios e espaços de troca, físicos ou não. Antigos e novos espaços de interação e câmbio, compulsórios ou não: colônias, fronteiras e *redes* - esse novo espaço ou nova configuração de espaço e do pensamento. E as questões relacionadas a essa problemática, ou seja, como se dão as relações entre o sujeito que busca permanecer íntegro e uno em meio a profundas mudanças decorrentes de uma nova configuração de seu espaço exterior: alteração de sua realidade externa, mudanças nos paradigmas e as inevitáveis adaptações. E o lugar da literatura em tudo isso, sua representação.

O afluir de leituras anteriormente feitas, teóricas, é certo, mas sobretudo leituras literárias, deflagraram essa reflexão. Dentre as teóricas, duas delas bem específicas: a de Pierre Lévy, *As tecnologias da inteligência* (1993), e a *Pequena ecologia dos estudos literários* (2013), de Jean-Marie Schaefer, a qual tem por objetivo fundamental a consideração sobre *o porquê e o como* estudar ou trabalhar com literatura, hoje. Uma revisão sobre a validade do que fazemos e, a quem serviria.

Quanto à obra de Pierre Lévy, determinante nesse caso, esta dá conta da tese do autor sobre um *Terceiro momento da inteligência humana*, ou um terceiro tempo do espírito, campo de novas tecnologias intelectuais, aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado (LÉVY, 1993, p. 9), em que constatamos uma nova redistribuição da configuração do saber, contrapondo-se aos dois momentos anteriores, respectivamente, a *Oralidade primária*, e *Escrita*. No entanto, é a partir de uma perspectiva diacrônica que esses aspectos deverão ser considerados, pois que, segundo o autor, “a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais da gestão social, não se dá por simples substituição, mas antes por complexificação e deslocamento dos

centros de gravidade” (LÉVY, 1993, p. 10), estabelecendo, dessa forma, uma continuidade histórica.

Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado. (LÉVY, 1993, p. 17)

Pierre Lévy desenvolve o conceito de *Ecologia cognitiva*, defendendo a ideia de um coletivo pensante homens-coisas, coletivo dinâmico povoado por singularidades atuantes e subjetividades mutantes, nas palavras do autor. Nesse contexto, o conhecimento se dá por simulação², a partir não mais da palavra oral ou escrita, simplesmente, mas do *hipertexto*³, que Lévy define, tecnicamente, como

um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. [...] cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p. 33)

O hipertexto transcende a palavra, portanto, constituindo-se em uma metáfora talvez válida para todas as esferas da realidade em que a *significação* esteja em jogo (LÉVY, 1993, p. 25), e caracteriza-se, segundo o autor, através de seis princípios abstratos: princípio de *metamorfose*, pois que a rede intertextual está em constante construção e renegociação; princípio de *heterogeneidade*, considerando-se que os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos; princípio de *multiplicidade e de encaixe das escalas*, porque o hipertexto se organiza de modo fractal; princípio de

² Distinto, tanto em relação ao conhecimento teórico, quanto da experiência prática, bem como do acúmulo de uma tradição oral. (LÉVY, 1993, p. 122)

³ O termo *hipertexto* não foi estabelecido ou criado por Pierre Lévy, e tampouco este foi o primeiro a enunciar a ideia de hipertexto, conforme informação do próprio autor (LÉVY, 1993, p. 28/29).

exterioridade, pelo fato da rede não possuir unidade orgânica, nem motor interno, sendo seu crescimento e sua diminuição ou sua composição e recomposição permanentes dependentes de um exterior indeterminado; princípio de *topologia*, dado tudo funcionar no hipertexto por proximidade, por vizinhança; princípio de *mobilidade dos centros* ou, ‘não-centros’, posto que a rede não possui centro, propriamente dito, mas diversos centros, permanentemente. (LÉVY, 1993, p.25/26).

Das leituras ou referências literárias – ou, a particular biblioteca que nos constitui, que forjamos e que nos forja - e o movimento incessante e pulsante desta - uma *poética dos textos em movimento*⁴, destacamos aquelas que se relacionam mais especificamente a essa reflexão: *Funes, o memorioso*, e *O Jardim dos senderos que se bifurcam*, de Jorge Luis Borges; *O último Vôo do Flamingo* e *Cada homem é uma raça*, de Mia Couto; *Os cus de Judas*, de Antonio Lobo Antunes; *O Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa; *Assim na terra*, de Luiz Sérgio Metz.

Os pressupostos fundamentais de nossa investigação são, portanto, os Estudos de Intertextualidade. Diríamos, considerando-se o pensamento e as bases do que podemos chamar de *Teoria hipertextual da comunicação*, estabelecida por Pierre Lévy, que a princípio a ideia de hipertexto abrange a de intertexto, sendo este uma especificidade daquele e que, nesse sentido, Lévy estaria em sintonia com os pressupostos de outro autor, teórico do literário, o francês Gérard Genette⁵. Mas aqui cabe ainda uma investigação mais aprofundada. O certo é que, nesse encadeamento de ideias, de texto e texto dentro do texto, adentramos agora um território que é ao mesmo tempo paradoxo: os tempos são de troca e é inevitável estarmos em contato, é uma

⁴ A referência é à concepção de Tiphaine Samoyault, a qual norteia os estudos que empreendemos acerca do fenômeno literário, em que a abordagem do texto não se dá a partir de um levantamento tipológico e descritivo das formas de intertextualidade presentes. A poética dos textos em movimento deixa de lado o “procedimento da poética descritiva para entrar numa interpretação mais global do sistema e da multiplicidade dos textos”, trata-se isso sim da “compreensão da disseminação, das razões profundas da desintegração do texto pelo intertexto” (SAMOYAULT, 2008, p. 45).

⁵ Gérard Genette, em sua obra *Palimpsestes*, expõe sua concepção de literatura como Hipertexto ou, uma literatura em segundo grau, que se faz a partir de obras anteriores, superpondo-se se a estas, a modo de palimpsesto, deixando que se entreveja rastros ou resquícios dos textos anteriores, sendo remissão e remetendo a outros textos.

exigência mesmo da contemporaneidade, no entanto, nunca antes o individualismo foi tão exacerbado.

REDES

Os avanços tecnológicos, as novas tecnologias e, conseqüentemente, uma nova inteligência, nos tornam cada vez mais conscientes do fato de que estamos conectados formando uma imensa rede. A palavra rede, metáfora que se julga mais adequada para traduzir a especificidade do momento humano que se vive e que, segundo o que se evidencia, é o caminho ou a condição humana das relações e da inteligência, a partir da percepção da sociedade e do momento, e da percepção de que estamos de certa forma, *enredados*, todos.

Portanto, neste momento da história da humanidade, em que a palavra de ordem é cooperação - e solidariedade, naquilo que diz respeito também às formas de trabalho, é natural que o mundo, o pensamento e as atividades humanas estejam caracterizados pela organização em redes, o que em si não é novo, embora tenha se intensificado pelas facilidades proporcionadas pelas novas tecnologias, que evidenciam não apenas a importância e as vantagens de sua utilização para uma sociedade assim configurada, mas, sobretudo, o quão inevitável é esse processo, caracterizando-se como óbvio que assim seja.

Observa-se uma grande euforia com as TIC, compreendidas ou não e, talvez ainda, o abuso e/ou mau uso das tecnologias, de certa forma desconsiderando o *humano*, as relações interpessoais, ao colocarem-se as tecnologias acima daquilo que essencialmente nos constitui, ou usando-as sem ética. E mais, no que diz respeito ao pensar, e ao mundo acadêmico, especificamente: não estaríamos também nos tornando, ou correndo o risco de nos tornarmos, excessivamente teóricos e burocráticos, atendendo a demandas acadêmicas, ou excessivamente *filosóficos*, no sentido pejorativo do termo, qual seja, o de questionamento/discussão estéril?

Se redes são uma proposta de realização coletiva do trabalho, baseada em princípios democráticos, e com livre circulação do fluxo de informações,

visando o processo cotidiano de transformação social⁶, até que ponto estamos, de fato, atuando segundo esses princípios, e métodos, no sentido de construir e fortalecer uma rede ou consciência humana e acadêmica mais solidária e com maior capacidade coletiva de realização? O sujeito em rede - as redes, essa configuração da inteligência, do pensar e do trabalho -, não estaria, muitas vezes, ao contrário do que deveria, indo quase que imperceptivelmente na direção contrária ao seu ideal, contrariando o próprio conceito de rede, pela compreensão superficial da sua essência, ou pela valorização excessiva, e mesmo pela má aplicação da tecnologia, que não por acaso também nos é *ofertada*? Até que ponto não estaremos reproduzindo e perpetuando esse modelo vertical, de relações estabelecidas, relações de poder *colonizantes* que nos mantêm subjugados às relações que desde sempre mantivemos com o colonizador, de cima para baixo? Até que ponto não estaremos servindo aos interesses daqueles que detêm o poder?

O que se percebe é que desde a adoção mais sistemática do termo rede, e a proximidade do termo com a técnica e não com *tecido*, ou trama, por exemplo, vem-se perdendo, gradativa e sutilmente, seu sentido de comunhão e de troca entre sujeitos, à subjetividade das relações humanas, em detrimento de um sentido, uma aura tecnológico-capitalista. Com o foco desse processo recaindo mais nas tecnologias da informação do que na comunicação, abandona-se sutilmente o campo das ciências humanas, adentrando inexoravelmente o território das exatas, em um desequilíbrio ou deturpação de sentido, quando deveria haver um melhor aproveitamento das possibilidades que se abrem a partir do encontro com o outro, para que as ações atinjam concretamente e positivamente *os outros*.

No que tange a esse aspecto, do ponto de vista prático, e tendo em mente o trabalho que academicamente empreendemos, é importante ainda considerar, e questionar, não apenas a validade das ações empreendidas, como também, a quem se destinam de fato essas ações: são para quem? E mais: tem-se alcançado resultados efetivos, que atinjam o sujeito a quem deveriam de destinar? No âmbito da América Latina, por exemplo, o que estamos fazendo pelo sujeito de *nuestra américa*? Falamos de sujeitos muitas

⁶ A referência aqui é ao pensamento de Manuel Castells.

vezes ainda sem acesso a meios básicos de subsistência e, menos ainda, à informação, bem como à garantia de seus direitos. Devemos pensar essas questões, e de que forma o meio acadêmico pode atuar, no sentido de *humanidade*, malgrado o momento mais ou menos eufórico de popularização da técnica. Devemos pensar o caminho que estamos trilhando no sentido de que não se percam os rumos de nossos passos ou o sentido de nossa trajetória. Não há volta, mas o rumo deve ser determinado pelos caminhantes, assim como sua forma de caminhar. Para que não percamos o foco e o discernimento é necessário que estejamos atentos e que nos questionemos com frequência sobre nossos propósitos, reafirmando-os, para que não nos dispersemos e não percamos de vista que nosso ideal não é material, mas humano.

Rede não é corporação, ou não deveria ser - rede é contato, comunicação interação e compartilhamento, é ver o outro – gente. Rede é *Envolvimento* em contraponto a *des-envolvimento*, é artesanato, tecido. O envolvimento da tecelã com o tear, que articula o contato entre o ser e seu instrumento, e o ser que recebe essa relação, estabelecendo, por sua vez, uma outra relação – humana. O envolvimento da aranha com sua teia, que tece uma relação com o que se constrói, que é ao mesmo tempo casa e vida, labor. Ou seja, Diálogos. Diálogos que tecem, tecendo em escala não industrial, pois que a relação em uma linha de produção de tecidos, a relação de quem tece e o tecido, fruto desse trabalho, nesse caso, é impessoal.

O que se deve pretender é o *Não dualismo*, o involucro como parte - o que me envolve faz parte de mim. Eu *sou* o outro, e não *eu e o outro*. Mesmo porque somos seres dialógicos, há a necessidade do outro para que as relações no universo se efetivem. O homem é um ser de linguagem, pois que todas suas interações com o mundo se dão pela linguagem, segundo os pressupostos da Metalinguística bakhtiniana, que forma a base do Dialogismo, princípio filosófico que orienta seu método de investigação, e que trata especificamente das relações que o homem mantém com o mundo através da linguagem. Essas relações são de troca, de correspondência entre pares.

Mas, onde entraria a literatura em tudo isso? No começo de tudo, diríamos, de todos os tempos da inteligência humana, mesmo essa que nos toma no ímpeto e no *vértigo* - redemoinho que nos arrebatava no momento mesmo em que se faz. Na relação do sujeito que desenhava em cavernas e sua recepção; no ato encantatório do contador de histórias; na relação do escriba medieval e seu pergaminho, artesão literal da palavra. Pedra, madeira, pergaminho, voz – talvez dados, nuvem. Às vezes também na *antecipação* do devir do homem.

Jorge Luis Borges publica, em 1942, o conto *Funes, o memorioso*, e esse é um dos seus textos mais emblemáticos, no que tange ao que afirmamos, ou seja, às questões de antecipação do devir do homem - entre outras tantas. Em *Funes, o memorioso*, temos o relato do narrador, dando conta da singular pessoa de Irineo Funes, e de sua inexplicável capacidade de absorver e conter em si a memória do mundo. À época, evidentemente não, mas hoje é inevitável que se estabeleça uma relação com o momento que vivemos, no que diz respeito às tecnologias da informação e, mais especificamente, à *Internet*, muito embora o que tenhamos no texto de Borges seja uma espécie de internet sem nós, ou links, o que não caracterizaria uma rede, por exemplo. O que temos, no caso, seria todo o conteúdo da internet contido em uma única mente, sem o estabelecimento de relações/links. O que significaria que os links somos nós que fazemos, quando a partir do outro nos colocamos, colocando nossa subjetividade em rede, formando redes. Sem o estabelecimento de relações, - poderíamos dizer humanas, o processo não se efetivaria conforme o temos hoje.

A memória do mundo não é material, é a memória dos homens, literatura. Nesse sentido, o texto de Borges é mais que premonitório, é também esclarecedor do fenômeno, é Intertexto, rede. E mais, não é o único, podemos perceber uma disposição semelhante também em *O Aleph* e em *O jardim dos senderos que se bifurcam*, por exemplo, do mesmo Borges, nos quais se destacam dois dos temas recorrentes e fundamentais da obra e do pensamento do autor argentino, como o do Labirinto e os aspectos relacionados ao Tempo e à relatividade deste, ou suas formas de percepção e possibilidades, o que nos remete às relações temporais que configuram este *terceiro momento da*

inteligência humana. A esse respeito, Pierre Lévy (1993, p. 115) afirma que o tempo instaurado pelas redes de informática, em contraponto ao tempo circular da oralidade primária e ao tempo linear das sociedades históricas, é um tempo *pontual*, uma espécie de implosão cronológica. Ora, Borges há muito já havia *implodido* a cronologia do tempo, via discurso literário. Não é à toa o interesse das ciências exatas pela obra do autor.

Em outro conto de Borges - *O Sul*, o narrador afirma que a realidade gosta das simetrias e dos leves anacronismos. E assim é. Vejamos, em conversa com um colega de grupo de trabalho, que no momento estava envolvido com outros saberes, falávamos sobre física quântica e, como as coisas se conectam, formam links, hiperlinks, associações de ideias, sem por vezes nos apercebermos, estamos sim vivendo uma nova forma ou configuração do pensamento. E quando essa conversa começou, na sequência uma coisa foi levando a outra e, logo em seguida, deparamo-nos com um trecho de um texto de Frei Betto:

Onde estão as fronteiras, senão nos limites de nossa própria visão? Ora, o Mistério não pode ser apreendido por palavras ou equações. Ainda é comum encontrarmos pessoas que acreditam que há duas realidades, uma profana e, outra, religiosa. A atual cosmologia, com certeza, virá ampliar os nossos horizontes e a física quântica nos ajudará a perceber que, uma vez assegurados os direitos humanos, a liberdade consistirá na ousadia de mergulhar em si mesmo, lá onde o encontro consigo faz descobrir um Outro que, não sendo eu e sendo radicalmente diferente de mim, me devolve a mim mesmo, à minha verdadeira identidade. Dessa fonte subjetiva brota a energia que deveria mover a humanidade: o amor. (FREI BETTO, 1997)

o qual remeteu ao *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, e às coisas *aprendidas* com Riobaldo Tatarana, e à ideia de gestão da mente, relacionando-a à Literatura. E outra conversa, em que se tratava da perplexidade que muitas vezes advém das diferenças entre culturas, que por sua vez imediatamente remeteu ao *Último voo do flamingo*⁷, de Mia Couto, bem como a uma experiência empreendida por professores no sentido da prática do *colocar-se no*

⁷ O *Último voo do flamingo* aborda as questões relativas ao conflito identitário em Moçambique, pós independência, a partir da alegoria.

*lugar do outro*⁸, compartilhada por outro colega; e ainda a outro link compartilhado, em que a escritora nigeriana Chimanda Adichie fala de sua experiência de vida e dos *perigos* de percebermos o outro a partir de sua única história⁹, que nos levou, finalmente, aos *Cus de Judas*, de Antonio Lobo Antunes e a experiência de um médico português enviado a Angola, na Guerra Colonial portuguesa, e a perplexidade e o dilaceramento resultantes do contato com o outro. E a palavra que ressoou na mente foi *Colônia*.

E tudo converge, ainda. Em uma estada em Buenos Aires, alguém próximo olha a vitrine de uma livraria e nos indica uma obra sobre Borges que se intitula *Borges y la física cuántica*, e mais um livro descoberto em outra livraria buenairense que se põe sob os olhos distraídos: *Borges y la memoria*, uma abordagem a partir da neurociência. Na sequência, um aluno calouro, o qual ignorava a obra do autor argentino, que ao ouvir sobre o enredo do conto *O jardim dos senderos que se bifurcam*, de Borges, afirma surpreso: “Mas isso é física quântica!” Links, hiperlinks, nós, e a busca de um sentido, a obrigação de sairmos de uma talvez zona de conforto.

Um fato que é texto, um texto que remete a outro, e um outro texto se faz – intertexto. Porém, dos textos lidos, diríamos que, sobretudo o *Último voo do flamingo*, de Mia Couto, sintetiza o que diz, ou que significa para nós, a palavra que nos veio à mente: *Colônia*, e que nos traz a questão: em que consiste exatamente a colonização de um ser ou seres, ou de um povo?

E então adentramos um outro território, um outro espaço que, querendo ou não, é nosso, e onde a troca também se efetiva, de uma forma ou de outra, positiva ou não.

COLÔNIAS

⁸ Grosso modo, a experiência consistia em dividir uma turma de jovens alunos (que não tinham ideia da intenção do experimento) segundo um hipotético predomínio intelectual de alunos mais altos sobre os de menor estatura e, depois, da inversão *do jogo*, momento em que experimentavam o lugar do outro.

⁹ <http://www.contioutra.com/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>

E pensando em colônias ou, *Territórios colonizados*, a partir também do que trazemos desse outro lugar por onde andamos, percebemos que é evidente que a questão da colonização não é meramente territorial/física, ela é sobretudo mental, interior, e ocorre mesmo sem imposição aparente. Vide, por exemplo, a estratégia de estabelecimento da língua do *conquistador* como facilitadora do acesso àquilo que necessitamos ou desejamos, utilizada desde sempre seja por romanos, portugueses, espanhóis ou norte-americanos. A *colonização* se dá via impregnação do território mental do outro que, dessa forma acaba por não se perceber colonizado, mesmo que a princípio sim, mesmo que pensemos os conceitos de Transculturação ou Antropofagia. E aqui surge a leitura de Eduardo Lourenço, em *A nau de Ícaro (2001)*, e as questões relativas à dissonância entre as visões brasileira e portuguesa a respeito da colonização do Brasil. E as relações entre colonização, descolonização, Identidade nacional e Formação da literatura brasileira, esse movimento consciente no sentido de libertar-se do colonizador, de auto gerir-se e à sua mente, amparado na literatura, a qual ao mesmo se constrói nesse movimento de mão dupla, de busca de identidade. Se considerarmos a visão do autor sobre o brasileiro não ter sido de fato colonizado por Portugal, teria então sido colonizado apenas físico/territorialmente? Teria preservado seu território mental? E, ainda, uma outra questão, quando pensamos o português narrador de *Os cus de Judas*, de Lobo Antunes, esse *colonizador colonizado*, e mal colonizado, diríamos, pois se questiona. Ele chegaria mais próximo do *outro* por esse motivo, talvez, manifestando uma certa autonomia em relação a seu território mental, talvez, apesar do conflito interior.

O fato é que a descolonização vai muito além da Independência proclamada. Vide as histórias mais recentes de Moçambique e Angola, cuja descolonização talvez não tenha ainda se efetivado de fato e que, nessa trajetória, reproduzem modelos que lhes foram impostos. A colonização é uma inversão de território mental, e isso é constatável já no discurso da Carta de Pero Vaz de Caminha, que aponta a direção que se tomaria a partir de então, indicando o nosso *fado*. Constatamos também o quanto é difícil o movimento de colocar-se no lugar do outro. A questão é: como fazê-lo? Onde está situada a fronteira entre nós e o outro neste mundo que dissolve suas fronteiras?

FRONTEIRAS

A respeito de fronteira, podemos dizer que se trata também de um espaço que vai além do físico/político, com suas peculiaridades e conflitos. Vimos trabalhado com obras cujo espaço é o de fronteira, também física, além de interior, como por exemplo, *Assim na terra*, de Luiz Sérgio Metz, obra que *são muitas*. Não por acaso o diálogo que o autor estabelece com Borges, principalmente, é determinante para que ela assim se constitua. Um diálogo que vai além do diálogo entre textos literários, mas que é também um diálogo entre projetos, e espaços, e tempos.

Para aqueles que vivem a fronteira, é fato que seu discurso é um discurso proferido da margem. *Orilla*. Beatriz Sarlo, em sua obra *Borges, um escritor na periferia* (2008), aborda a questão, estabelecendo *fronteira*, que não deixa de ser também *orilla*, como *dobra*, relação especular que é também o perfil da condição americana, aproximando as condições colonial e fronteiriça (SARLO, 2008, p. 79).

Fronteira – duplicação do *eu que se vê dois*, ou desdobrado – eu sou eu, mais um desdobramento meu que é o outro: conflito. Conflito destacado e exemplificado por Beatriz Sarlo a partir de sua leitura dos contos *O sul* e *A história do guerreiro e da cativa*, do mesmo Borges. No entanto, destaca também a condição livre do orillero/fronteiriço/colonizado, incluindo aí o autor argentino.

Fronteira: espaço da troca não compulsória. Conflito? Sim e não. Fronteira implica em possibilidade de escolha, e liberdade, com conflito ou não.

No Grande Sertão de Guimarães Rosa, Riobaldo afirma: "*O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo...*" (ROSA, 1970, p.15), destacando sua condição de sujeito de território mental livre. Há controvérsias, contradições e algumas certezas em relação ao discurso do jagunço e letrado Riobaldo, sabemos, mas o que não se discute é que Riobaldo Tatarana é um sujeito que

lidou com seus avessos, no intuito de geri-los, gerir-se, o homem humano, o dos avessos. Gerir-se é administrar esse avesso sem negá-lo. Mas não basta dizer do avesso, desse outro que em mim habita. É preciso *viver* o conflito sendo o outro, a experiência do conflito - eu sou o outro - dentro do conflito que realmente importa, que é o conflito interior, o conflito do homem consigo mesmo, em sua relação com o mundo, a natureza e o outro. Esse outro que me chega em toda a sua humanidade: sua *miséria*, desamparo, força e beleza.

A literatura, esse discurso privilegiado, me coloca lá dentro do outro, e me faz ele - ao mesmo tempo eu, o que é algo distinto do colocar-se no lugar do outro, é mais que isso, é um apagamento da dualidade do ser. Também não é a percepção do outro pela adesão à personagem, no sentido de sintonia, alguma identificação. E pode ser bastante contraditório ou incompreensível, por vezes. (vide *O Perfume*). Literatura: comoção às vezes convulsa: envolvimento. E eu sou o outro via discurso, linguagem. A palavra mais do que a força bruta, coloniza, e o sujeito dono de sua palavra é dono de si, livre, homem cidadão. Como Riobaldo, ou também O João Passarinheiro, de Mia Couto.

Inquirido sobre sua raça, respondeu:

- A minha raça sou eu, João passarinheiro.

Convidado a explicar-se, acrescentou:

-Minha raça sou eu mesmo. A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça, senhor polícia.

(extracto das declarações do vendedor de pássaros) (COUTO, Mia. 1998)

Cada homem é uma raça, indivíduo uno, forro/cidadão – nó, e ao mesmo tempo humanidade – rede. Configurando-se rede e nó de uma rede constituída de infinitos nós, que por sua vez constituem-se de redes. E é a percepção e a consciência desse fato que nos dá a possibilidade de integridade, ou que nos salva da desintegração em meio ao universo fragmentado, estilhaçado, em meio à perplexidade diante das mudanças que se operam em nossa realidade exterior, que se faz conseqüentemente interior. É somente a partir da auto *decolonização* que temos condições de sermos *nós e o outro*, e o mundo e o trabalho em redes se efetiva de fato.

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Antonio Lobo. *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec/Anna Blume, 2002.
- BORGES, Jorge Luis. Ficciones. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emece editores, 1974.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In. : CASTELLS, Manuel ; CARDOSO, Gustavo (orgs). *A sociedade em rede : do conhecimento à ação política*. Brasília : Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.
- COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2005.
- _____. *Cada homem é uma raça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FREI BETTO. *A obra do artista: uma visão holística do universo*. São Paulo: Ática, 1997.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes – la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993.
- LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- METZ, Luiz Sergio. *Assim na terra*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- OURIQUES, Evandro. *Gestão e Mente Sustentável, o Quarto Bottom Line: uma nova perspectiva sobre Comunicação, Sustentabilidade e Política*. Revista Nova E. 2010. Disponível em: <http://www.novae.inf.br/site/modules.php?name=Conteudo&pid=1455>; acessada em 28/10/2013.
- QUIROGA, Rodrigo Quian. *Borges y la memoria*. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- ROJO, Alberto. *Borges y la física cuántica*. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2013.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *Intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo : Hucitec, 2008.

SARLO, Beatriz. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo : Iluminuras, 2008.

SCHAEFFER, Jean-Marie. *Pequeña ecología de los estudios literarios: por qué y como estudiar la literatura?* Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.